

ARTIGO DO LEITOR

O porPequeno ensaio sobre os 96 anos de emancipação político-administrativa: você é mesmo Chapecó?

Prof. Dr. Claiton Marcio da Silva

Professor Adjunto de História da Fronteira Sul
Diretor de Arte e Cultura/UFFS

No segundo semestre de 2011, às portas da realização da EFAPI daquele ano, o vídeo promocional da feira intitulado “Eu sou Chapecó” foi amplamente difundido na imprensa, nas redes sociais e outras formas de comunicação. Também, antes do início dos shows nacionais, a voz gutural e deslumbrante do narrador desfilava seu texto, enquanto as imagens construíam uma versão do passado dessa “gente trabalhadora”, que da agricultura e da pecuária, da extração madeireira, construiu uma “cidade moderna”. Não mais o “arcaico” arado e as casas modestas de meados do século XX traduziam o ímpeto de progresso do município, mas a avançada tecnologia da indústria diluída por entre o concreto de seus prédios da parte central da cidade. Esta pintura “modernista” exclamava de forma redundante: “Eu sou Chapecó”.

Naqueles dias, combinando a inauguração de um centro de compras e a realização da feira anteriormente mencionada, o “espírito” da população concretizava uma visão ufanista da realidade que podemos observar na imprensa chapecoense desde a década de 1960. É como se grande parte da população expressasse nas ruas, nos cafés e bares algo como: “finalmente alcançamos o progresso! Temos Shopping Center, shows nacionais, inserção econômica internacional, aeroporto com vôos diários” e outros artigos proporcionados pela modernidade (Se observarmos a imprensa local, principalmente após a festa do cinquentenário do município em 1967, a visão de progresso, ou seja, de algo ideal a ser alcançado em diferentes estágios, é predominante para as elites políticas e econômicas que “gostam” de orientar os rumos de Chapecó. Mas este é assunto para outra reflexão).

Mas se outubro de 2011

Chapecó tenta ser moderna, mas enquanto continuarmos sendo testemunhas de perseguição e violência com a possibilidade de omissão de autoridades públicas (como foi o linchamento, a cassação, entre outros episódios), não viveremos em uma cidade democrática

representou, de certa forma, um otimismo para a população em geral, novembro trouxe um balde de água fria. No dia 28 daquele mês, sob circunstâncias ainda misteriosas, o vereador Marcelino Chiarello (PT) foi encontrado sem vida em sua própria casa. O contexto que envolveu este fato foi sentido demasiadamente por grande parte da população, uma vez que expôs a outra face história de Chapecó que as elites que pagam para produzir vídeos promocionais ou constroem grandes projetos na cidade não enfrentam: a violência sistemática de conotação político-partidária e econômica.

Em outro momento já falamos aqui de como o mandonismo local é uma “tradição” infeliz e presente desde os tempos das empresas colonizadoras, passando pelo linchamento “que todos querem esquecer” (como afirma a professora Monica Hass), cassação de prefeito, entre outros episódios lamentáveis envolvendo sempre política e interesses econômicos. Com certeza, isto não consta no pequeno filme. Também, é um vídeo onde não constam referências mesmo que breves às populações indígenas (qual a origem do nome Xapecó?), que oculta caboclos que

habitavam a região há mais de noventa e seis anos, a devastação ambiental, os salários baixos da indústria e comércio em comparação com outras cidades do próprio estado ou as condições de trabalho da agroindústria.

Sabemos que um vídeo promocional, um hino e outros instrumentos de construção simbólica coletiva são mesmo ufanistas. Realçam os aspectos considerados positivos e “esquecem” o que mais lhe convir. Entre 2011 e 2013, mesmo com conquistas sociais, culturais, econômicas ou esportivas, nada apaga o clima de tensão gerado entre a população. É comum, mas muito comum mesmo ouvir pelas ruas algo como “eu não falo nada”, “é melhor ficar quieto”, entre outras frases e conselhos. Ainda mais com o acontecimento desta semana, mais precisamente do dia 19 de agosto, onde um assessor parlamentar (de oposição, assim como Chiarello) foi agredido em seu próprio escritório. O sonho do progresso hoje não é mais forte do que a insegurança de uma sociedade que vive cercada de câmeras e outros instrumentos que multam a população, mas (dizem) que sequer registraram os agressores do assessor parlamentar. Uma contradição entre tantas que as vozes das ruas (ou das redes sociais) apontam.

Chapecó tenta ser moderna, mas enquanto continuarmos sendo testemunhas de perseguição e violência com a possibilidade de omissão de autoridades públicas (como foi o linchamento, a cassação, entre outros episódios), não viveremos em uma cidade democrática. As elites locais não enfrentam a violência sistemática e a empurram para baixo do tapete. Retomando a idéia do filme, tenho certeza que esta elite não diria orgulhosamente, após os eventos desta semana, “Eu Sou Chapecó”.